

Calçada
PMS / FMLF
BIBLIOTECA
Jornal:
Data:
Caderno: Página:
Seção:
Assunto:

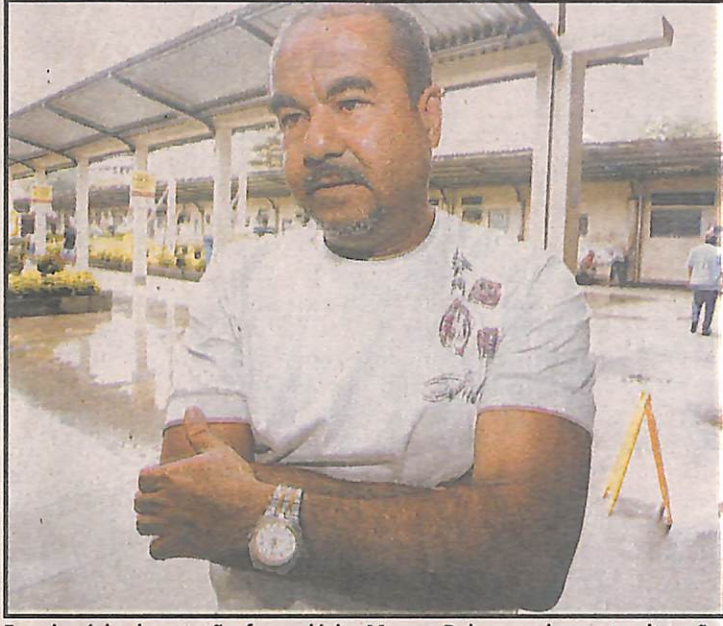
Onde eu moro

BAIRROS | A abertura do primeiro acesso calçado para o Bonfim deu nome ao local, que se expandiu com a chegada do trem

História e descaso na Calçada



Largo da Calçada, que tem como principal referência urbanística e marco histórico a estação ferroviária, que foi inaugurada há 146 anos



Funcionário da estação ferroviária, Magno Rebouças lamenta situação

FERNANDA SANTA ROSA
fsantarosa@grupoatarde.com.br

Bairro antigo de Salvador, localizado na Cidade Baixa e ponto de ligação entre Água de Meninos e a Península de Itapagipe, a Calçada mantém as características de bairro mercantil dos seus primeiros tempos. Com a área residencial limitada, “vive e respira” comércio.

Antes, palco de um renomado mercado atacadista que se formou no entorno da Estação Ferroviária Leste Brasileiro, instalada em 1862, atualmente abriga uma variedade de lojas, armazéns, farmácias e hotéis antigos, que sobrevivem apesar da degradação do sistema ferroviário.

Os trens continuam sendo referência, contribuindo para o intenso fluxo de pessoas. Assim como o Plano Inclinado, que liga a Calçada à Liberdade, tornando a região estratégica. Mas a limitação das linhas férreas, que antes faziam viagens intermunicipais e agora só chegam ao bairro de Paripe, subúrbio ferroviário, já produz reflexos sobre o ritmo intenso da localidade.

“A Calçada está em decadência. Como não há mais as linhas

Notícia integrada: A TARDE publica, aos sábados, a série de reportagens Onde Eu Moro, apresentando os bairros de Salvador, com suas curiosidades e fatos relevantes. Na próxima edição (dia 31), será a vez da Vila Laura. Quem mora, trabalha ou frequenta o bairro pode mandar sugestões até o dia 29 | Veja a galeria de fotos da Calçada mostrada hoje no Portal A TARDE On Line | www.atarde.com.br

de trem de antes, o movimento caiu. Para piorar, a cidade está mais violenta. Muitos comerciantes foram embora”, avalia o segurança da estação ferroviária, Magno Rebouças, 47, um dos mais antigos funcionários na ativa, com 24 anos de serviço.

Segundo ele, a média diária de 40 mil passageiros caiu para 15 mil nas últimas duas décadas. Quando começou a trabalhar no local, Rebouças conta que os trabalhadores aproveitavam o fim do expediente para ocupar bares e restaurantes, algo que, segundo ele, não existe mais. “Tinham pontos conhecidos, como o Café Expresso, o restaurante do Hotel Brasil e a Choplândia, mas todos fecharam”, lamenta.

ESTACÃO—A construção da estação foi fundamental para a formação do bairro. “Você casa o fluxo de passageiros e capacida-

de de carga da ferrovia com o acesso à Liberdade e cria as condições ideais para o mercado”, explica o historiador Cid Teixeira. O nome Calçada, ele diz, vem dos blocos de pedra colocados sobre o grande alagadiço que era a região no final do século XVIII.

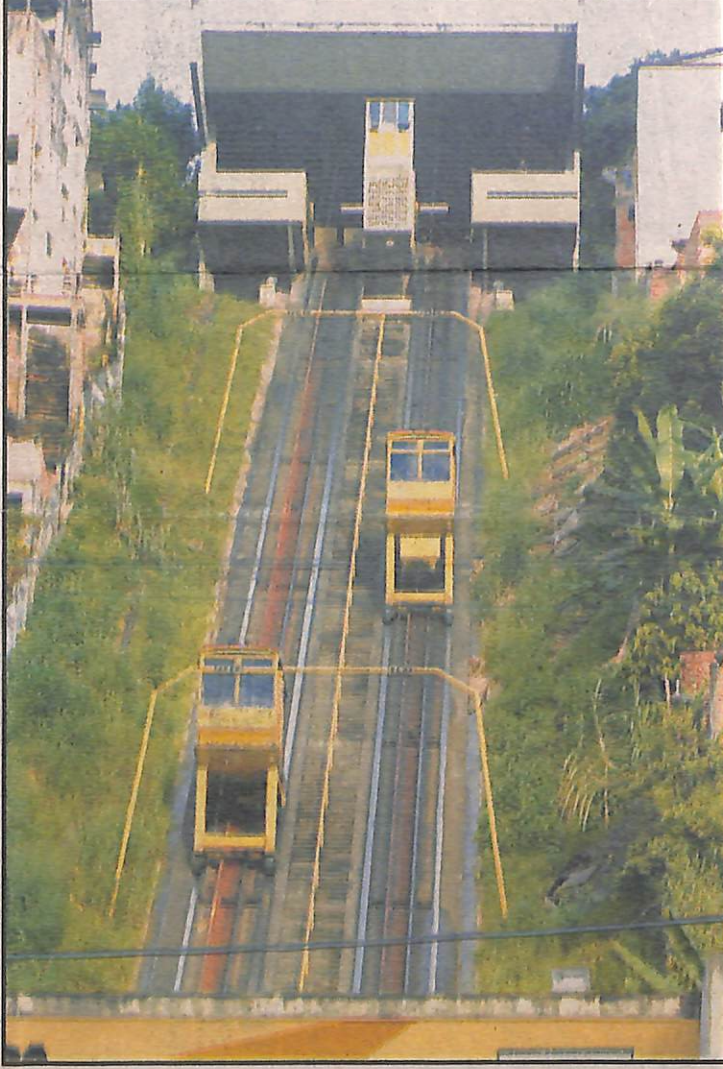
Foi o governante da época, dom Marcos de Noronha e Brito, que providenciou a construção do largo, fazendo o calçamento da área. “Quem ia para o Bonfim naquela época tinha que viajar de barco. Dom Marcos resolveu fazer um caminho por terra. O local ficou inicialmente conhecido como Calçada do Bonfim”, diz Cid Teixeira. Segundo o pesquisador, esta história guarda ainda a origem da tradição baiana de pagar promessas em trajeto a pé até a Igreja do Bonfim.

ATRATIVOS—O pulsante comércio do passado teve ainda a in-

fluência de espanhóis, que chegaram ao País na década de 20 e se destacaram como negociantes. Famílias como Vasquez, Fernandez e Bouzas, donos de hotéis na localidade, são nomes conhecidos na região.

Dono da Padaria Brasília, Manoel Otero Fernandez, 53 anos, desembarcou na cidade há 28 anos para tentar a mesma sorte dos seus compatriotas. “A Calçada era um lugar bom para ganhar dinheiro. Muitas famílias vieram arriscar”, afirma o comerciante. “Este já foi um dos lugares de maior arrecadação de ICMS na capital”, completa ele, destacando a saída dos grandes empreendedores, como a fábrica de refrigerantes Fratelli Vita, as Lojas Alfred, na avenida Fernandes da Cunha, e a revendedora de veículos Mesbla.

Para ele, a desatenção dos governantes tem sido decisiva para o estado de degradação em que a Calçada se apresenta atualmente. “Aqui se vê muito lixo, passeios quebrados, e, quando chove, alaga tudo”, reclama Fernandez, que já considera a opção de voltar à sua terra natal. “O descaso é absurdo para um lugar que tem tanta história”, resume.



PLANO INCLINADO | Liga a Rua Barão de Vila da Barra, na Calçada, à Praça Nelson Mandela, na Liberdade. Tem dois bondinhos em funcionamento com capacidade para 35 passageiros cada. A passagem custa R\$ 0,50. Foto Fernando Amorim

Poluição sonora é um problema

A face residencial da Calçada se apresenta timidamente nas transversais da Rua Barão de Cotegipe e no Largo dos Mares, que, embora tenha ganhado status de área independente entre a população, pertence ao bairro. Apesar da vocação comercial, a Calçada mantém moradores antigos, como o aposentado Renato Santos, 71 anos, que há mais de 40 anos escolheu o local para morar. “Era perto de tudo e calmo para se viver”, conta.

Hoje, ele reclama da falta de infra-estrutura, que tem afastado muitos moradores. “A Cidade Baixa está abandonada, e a falta de segurança só aumenta, com assaltos a todo momento”, diz Santos, que já colocou uma placa “Vende-se” na porta de casa. Ele tem a anuência do vizinho Paulo Bohana, 75 anos, amigo de longa data. Seu Paulo, como é tratado, mora na Calçada há 65 anos. “Aqui é bairro de pobre e com poucos eleitores. Não rece-

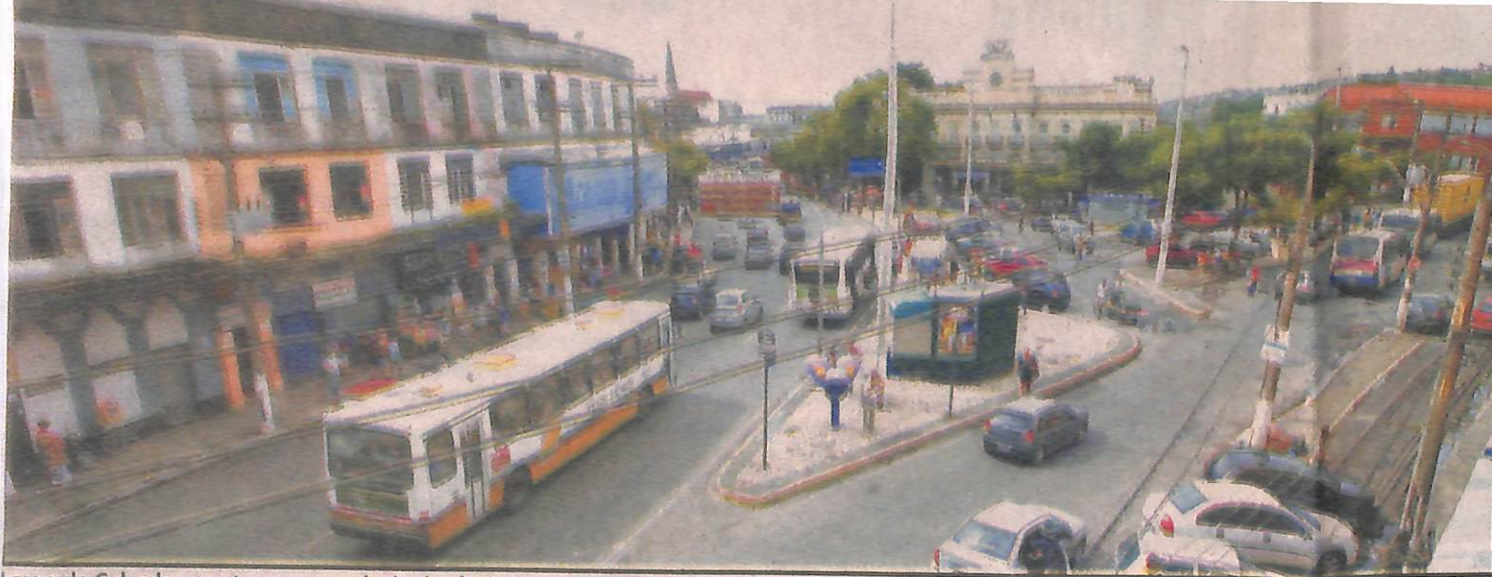
be atenção das autoridades”, protesta.

PRAIÁ—O pessimismo de ambos encontra respaldo na Praia do Cantagalo, da qual são vizinhos. “O barulho nos bares não tem dia, nem hora. A gente reclama, mas a prefeitura não faz nada”, diz Santos. Além da poluição sonora, a quantidade grande de cães sem dono chama atenção. “O projeto Bahia Azul tirou o esgoto da praia, o que foi bom. Mas

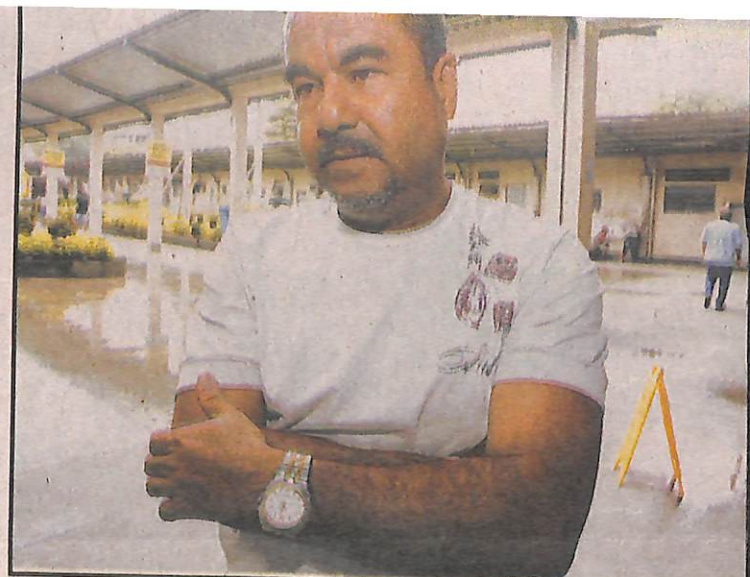
os problemas continuam”, justifica a moradora Nilce Bohana.

Com poucos elementos típicos de um bairro residencial, os moradores da Calçada compartilham a estrutura do bairro vizinho, Roma, onde funciona o Hospital das Obras Sociais de Irmã Dulce e Hospital São Jorge. “Antigamente, ainda existia o Cine-Teatro Roma (hoje, desativado) para a gente se divertir. Já não há atrativos culturais por aqui”, completa Nilce.





Largo da Calçada, que tem como principal referência urbanística e marco histórico a estação ferroviária, que foi inaugurada há 146 anos



Funcionário da estação ferroviária, Magno Rebouças lamenta situação

FERNANDA SANTA ROSA

fsantarosa@grupoatarde.com.br

Bairro antigo de Salvador, localizado na Cidade Baixa e ponto de ligação entre Água de Meninos e a Península de Itapagipe, a Calçada mantém as características de bairro mercantil dos seus primeiros tempos. Com a área residencial limitada, "vive e respira" comércio.

Antes, palco de um renomado mercado atacadista que se formou no entorno da Estação Ferroviária Leste Brasileiro, instalada em 1862, atualmente abriga uma variedade de lojas, armazéns, farmácias e hotéis antigos, que sobrevivem apesar da degradação do sistema ferroviário.

Os trens continuam sendo referência, contribuindo para o intenso fluxo de pessoas. Assim como o Plano Inclinado, que liga a Calçada à Liberdade, tornando a região estratégica. Mas a limitação das linhas férreas, que antes faziam viagens intermunicipais e agora só chegam ao bairro de Paripe, subúrbio ferroviário, já produz reflexos sobre o ritmo intenso da localidade.

"A Calçada está em decadência. Como não há mais as linhas

Notícia integrada: A TARDE publica, aos sábados, a série de reportagens Onde Eu Moro, apresentando os bairros de Salvador, com suas curiosidades e fatos relevantes. Na próxima edição (dia 31), será a vez da Vila Laura. Quem mora, trabalha ou frequenta o bairro pode mandar sugestões até o dia 29 | Veja a galeria de fotos da Calçada mostrada hoje no Portal A TARDE On Line | www.atarde.com.br

de trem de antes, o movimento caiu. Para piorar, a cidade está mais violenta. Muitos comerciantes foram embora", avalia o segurança da estação ferroviária, Magno Rebouças, 47, um dos mais antigos funcionários na ativa, com 24 anos de serviço.

Segundo ele, a média diária de 40 mil passageiros caiu para 15 mil nas últimas duas décadas. Quando começou a trabalhar no local, Rebouças conta que os trabalhadores aproveitavam o fim do expediente para ocupar bares e restaurantes, algo que, segundo ele, não existe mais. "Tinham pontos conhecidos, como o Café Expresso, o restaurante do Hotel Brasil e a Choplândia, mas todos fecharam", lamenta.

ESTAÇÃO—A construção da estação foi fundamental para a formação do bairro. "Você casa o fluxo de passageiros e capacida-

de de carga da ferrovia com o acesso à Liberdade e cria as condições ideais para o mercado", explica o historiador Cid Teixeira. O nome Calçada, ele diz, vem dos blocos de pedra colocados sobre o grande alagadiço que era a região no final do século XVIII.

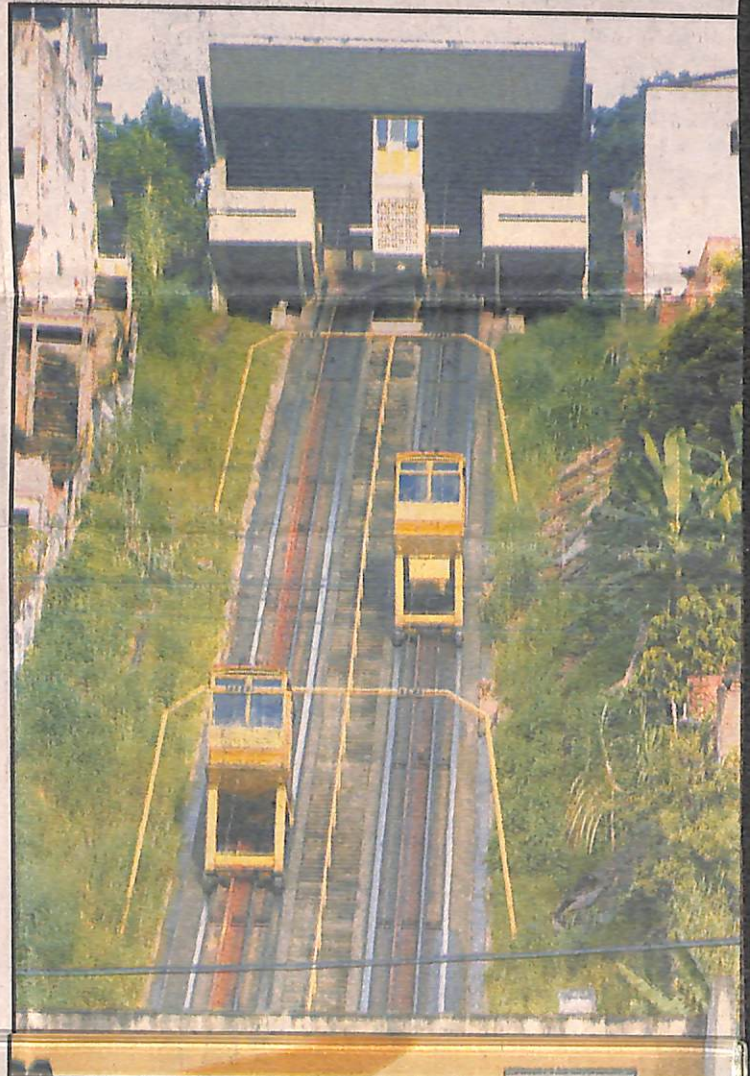
Foi o governante da época, dom Marcos de Noronha e Brito, que providenciou a construção do largo, fazendo o calçamento da área. "Quem ia para o Bonfim naquela época tinha que viajar de barco. Dom Marcos resolveu fazer um caminho por terra. O local ficou inicialmente conhecido como Calçada do Bonfim", diz Cid Teixeira. Segundo o pesquisador, esta história guarda ainda a origem da tradição baiana de pagar promessas em trajeto a pé até a Igreja do Bonfim.

ATRATIVOS—O pulsante comércio do passado teve ainda a in-

fluência de espanhóis, que chegaram ao País na década de 20 e se destacaram como negociantes. Famílias como Vasquez, Fernandez e Bouzas, donos de hotéis na localidade, são nomes conhecidos na região.

Dono da Padaria Brasília, Manoel Otero Fernandez, 53 anos, desembarcou na cidade há 28 anos para tentar a mesma sorte dos seus compatriotas. "A Calçada era um lugar bom para ganhar dinheiro. Muitas famílias vieram arriscar", afirma o comerciante. "Este já foi um dos lugares de maior arrecadação de ICMS na capital", completa ele, destacando a saída dos grandes empreendedores, como a fábrica de refrigerantes Fratelli Vita, as Lojas Alfred, na avenida Fernandes da Cunha, e a revendedora de veículos Mesbla.

Para ele, a desatenção dos governantes tem sido decisiva para o estado de degradação em que a Calçada se apresenta atualmente. "Aqui se vê muito lixo, passeios quebrados, e, quando chove, alaga tudo", reclama Fernandez, que já considera a opção de voltar à sua terra natal. "O descaso é absurdo para um lugar que tem tanta história", resume.



PLANO INCLINADO | Liga a Rua Barão de Vila da Barra, na Calçada, à Praça Nelson Mandela, na Liberdade. Tem dois bondinhos em funcionamento com capacidade para 35 passageiros cada. A passagem custa R\$ 0,50. Foto Fernando Amorim

Poluição sonora é um problema

A face residencial da Calçada se apresenta timidamente nas transversais da Rua Barão de Cotegipe e no Largo dos Mares, que, embora tenha ganhado status de área independente entre a população, pertence ao bairro. Apesar da vocação comercial, a Calçada mantém moradores antigos, como o aposentado Renato Santos, 71 anos, que há mais de 40 anos escolheu o local para morar. "Era perto de tudo e calmo para se viver", conta.

Hoje, ele reclama da falta de infra-estrutura, que tem afastado muitos moradores. "A Cidade Baixa está abandonada, e a falta de segurança só aumenta, com assaltos a todo momento", diz Santos, que já colocou uma placa "Vende-se" na porta de casa. Ele tem a anuência do vizinho Paulo Bohana, 75 anos, amigo de longa data. Seu Paulo, como é tratado, mora na Calçada há 65 anos. "Aqui é bairro de pobre e com poucos eleitores. Não rece-

be atenção das autoridades", protesta.

PRAIA—O pessimismo de ambos encontra respaldo na Praia do Cantagalo, da qual são vizinhos. "O barulho nos bares não tem dia, nem hora. A gente reclama, mas a prefeitura não faz nada", diz Santos. Além da poluição sonora, a quantidade grande de cães sem dono chama atenção. "O projeto Bahia Azul tirou o esgoto da praia, o que foi bom. Mas

os problemas continuam", justifica a moradora Nilce Bohana.

Com poucos elementos típicos de um bairro residencial, os moradores da Calçada compartilham a estrutura do bairro vizinho, Roma, onde funciona o Hospital das Obras Sociais de Irmã Dulce e Hospital São Jorge. "Antigamente, ainda existia o Cine-Teatro Roma (hoje, desativado) para a gente se divertir. Já não há atrativos culturais por aqui", completa Nilce.



IGREJA DOS MARES | Localizado no Largo dos Mares, este templo católico foi construído no século 20 e chama atenção pelos enormes vitrais e pelo estilo neogótico, que difere dos de outras igrejas da Cidade Baixa. Foto Elói Corrêa

Tem comércio até embaixo da rua

Em um túnel que liga o Largo da Calçada à estação ferroviária funciona um mercado de rua que resiste ao tempo. A passagem inferior, com 2 de julho de 1954 para facilitar o acesso do grande número de passageiros da Estação Ferroviária, evitando que eles precisassem atravessar a pista.

Bancas de cigarros e doces, sapatos, bolsas e até mesmo uma lanchonete se espalham por um corredor de não mais que 500 metros de extensão e que se esconde sob o solo. Juarez José dos Santos, 77 anos, chegou a Salvador há 54 anos, vindo de Sergipe, para ajudar o irmão na venda montada na passagem inferior e, até hoje, comercializa sandálias de couro no local.



Túnel que liga Calçada à estação tem pequenos pontos comerciais

FLUXO DIMINUIU— "Aqui era um formigueiro de gente. Não tinha a sinaleira que tem hoje, o que obrigava o povo a passar aqui embaixo", conta Juarez. Segundo ele, o sucateamento do sistema

ferroviário reduziu o fluxo de consumidores. "Era o dobro do que tem hoje. Para mim, a Calçada acabou", lamentou o pequeno comerciante.

O comerciante Denival de Oli-

veira, 54 anos, começou a trabalhar no lugar quando ainda era menino e ajudava o pai em um armarinho. Hoje, lida com objetos de couro. "Como tinham muitos atacadistas, o pessoal do interior vinha fazer compras e a gente aproveitava. Mas, agora, está fraco", diz o comerciante.

Ainda hoje, entretanto, o pequeno mercado atrai muita gente que circula no lugar em busca de uma pechincha, incluindo clientes antigos, como a aposentada Maria Ferreira, 62 anos, que mesmo tendo se mudado da Calçada, onde morou por 14 anos, continua se deslocando até o bairro para fazer algumas compras. "Venho para rever parentes que ainda moram por aqui e aproveito para levar alguma coisa", brinca Maria.



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA | Inaugurada em 1862, realiza atualmente viagens de trem até o bairro de Paripe, subúrbio ferroviário. No passado, chegou a interligar a capital baiana a outros municípios do Recôncavo. Foto Elói Corrêa